

## A CIDADE POR TRÁS DO ESPELHO: (IM)POSSIBILIDADES DE UMA CULTURA PARA ALÉM DA REPRESENTAÇÃO

Cardoso, Franciane  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Araújo, Róger Albernaz  
Instituto Federal Sul-rio-grandense

### 1 INTRODUÇÃO

O artigo aborda uma estética cultural resultante das relações estabelecidas no contexto urbano e faz alguns questionamentos a cerca das escolhas que as definem. Em uma análise das rotinas que compõe o *Bar e Restaurante Liberdade* os conceitos de aparelho de estado e máquina de guerra, cunhados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, são mobilizados na busca de uma percepção dos movimentos que cadenciam a cultura na cidade de Pelotas.

Há alguns séculos a humanidade, elegendo o homem como protagonista, tomou para si a tarefa de conduzir o mundo e de imprimir um ritmo à vida instituindo regras que a orientasse. Algumas dessas regras podem ser encontradas firmemente enraizadas dentro de um dos estratos mais basilares da vida social: a cultura<sup>1</sup>. Segundo Gilles Deleuze (1997) algumas estruturas direcionam a vida em sociedade. Um aparelho de estado<sup>2</sup> que, dedicado à manutenção das já conhecidas formas de se colocar diante do mundo, trata de criar um universo fechado para a cultura. Ele dita o modo de funcionamento e cria as estruturas que permitem perpetuá-lo. O autor diz que “o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou segundo a qual temos o hábito de pensar” (1997, p.9). A cultura tem se colocado como uma dócil usuária de tais mecanismos se movimentando a partir da interioridade do aparelho de estado. O movimento de repetição que permanece em sua base se mostra então como o princípio encarregado de geri-la.

Entretanto, existem movimentos de outra natureza que também se encarregam de dar cadência à vida, aos quais se pode atribuir às mudanças nas antigas estruturas perpetuadas pelo aparelho de estado. As quais podem ser entendidas como a garantia de renovação das maneiras de existência. A cultura, assim como a vida, tem nesses acontecimentos o motor que lhe move e que lhe

---

<sup>1</sup> A palavra cultura, oriunda do latim *cultura*, nasce, na França, século XIII. Na época servia para dar nome às terras cultivadas. Somente no século XVIII a palavra cultura adquire, na língua francesa, oficialmente um sentido mais amplo, passa a servir para designar o fazer, as ações, também em outras áreas.

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari empregam a teoria dos jogos para explicar as relações estabelecidas pelo aparelho de Estado e pela máquina de guerra. Segundo os autores “O xadrez é um jogo de Estado, ou de corte(...). As peças do xadrez são codificadas, têm uma natureza interior ou propriedades intrínsecas, de onde decorrem seus movimentos, suas posições. (...) Os peões do go, ao contrário, são grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa. São os elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado, sem propriedades intrínsecas, porém apenas de situação.” (Deleuze, 1997, p.10). Partindo dessa imagem percebe-se então que o aparelho de estado traz em si modos de funcionamento direcionados e constitui uma estrutura que prioriza a repetição. Enquanto a máquina de guerra “(...) seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose.” (Deleuze, 1997, p.8). É através dela que se faz possível a diferença.

transforma. Estes movimentos nascem sem lugar nem tempo previstos. Máquinas de guerra que constituem um meio de total exterioridade, sendo elas próprias a forma dessa exterioridade. As transformações que estão em sua origem e a imprevisibilidade se fazem condições necessárias para o seu aparecimento. Tais movimentos, quando passam a funcionar a partir de uma estrutura pré-estabelecida, são então incorporados as rotinas do aparelho de estado.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Pesquisa de caráter qualitativo realizada com o auxílio de uma extensa revisão teórica sobre os principais conceitos e autores apresentados. Também foram realizadas observações no Bar e Restaurante Liberdade durante cerca de seis meses. As visitas ocorreram durante o período do dia além de algumas noites, essas geralmente na sexta-feira, dia em que O choro, ritmo musical trazido por Avendano Júnior e os Regionais, faz-se responsável pela movimentação.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Caminhar pelas ruas centrais de Pelotas pode erigir um retorno há algumas décadas atrás. Aquilo que um dia a cidade foi emana de cada prédio através de sua arquitetura ornada. Construções que, mais do que lembrar os tempos de opulência que se viveu, desempenham papel de espelho, refletindo imagens que, em um jogo de dupla articulação, constroem identidades.

O Bar Liberdade é um destes espaços. Lá ao som do Choro, o anoitecer parece ser a fronteira que separa as rotinas cotidianas daquele espaço, onde a música, a dança, a bebida e a boemia dão ritmo ao pedaço de mundo que se criou. É no início das noites que, nesse lugar, se estabelece a possibilidade de encontro entre os sistemas que ele mantém. Que sistemas são esses? Modos de funcionamento. Hábitos. Eternos retornos onde a mudança, quando possível, é cuidadosamente evitada. Talvez deixada para um próximo por do sol.

Quando o dia se nasce e o centro da cidade ainda pulsa com seus espaços comerciais, o Liberdade assume ares de oásis. Lugar de abastecimento em meio ao tumultuado trânsito de gente e veículos. Seus freqüentadores diurnos, na sua maioria, têm seu ponto de origem como algo em comum<sup>3</sup>, constituem-se como estrangeiros, naquilo que diz respeito ao centro da cidade e seu ritmo. O espaço do Bar Liberdade desempenha então o papel de restaurante. Neste período os que procuram o espaço não tem nele um lugar. Não se fazem vínculos. Não se criam Histórias. Compõe-se um ponto de passagem, um não-lugar<sup>4</sup>, onde aqueles que o mantém não procuram outra coisa além de abastecimento.

---

<sup>3</sup> O que se explica geograficamente já que o bar localiza-se à Rua Marechal Deodoro, um dos pontos de maior fluxo de veículos, principalmente transportes coletivos vindos da periferia e zona rural da cidade. Localização que favorece o acesso desse tipo de público que, em geral, tem seus locais de circulação bem definidos no perímetro urbano.

<sup>4</sup> Marc Augé (1994) cria uma diferenciação entre não-lugar e lugar antropológico. Esse, segundo o autor, aponta como uma invenção social. É a identidade desse lugar que une um grupo. O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história. Assim, segundo Augé um espaço que não pode se definir, nem como identitário, relacional ou histórico, definirá um não-lugar. Os não-lugares criam tensões solitárias, eles medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só diz respeito indiretamente aos seus fins, não criam identidades singulares, nem relações, mas sim solidão e similitude. Acrescente-se que o não-lugar existe nas

O por do sol, o cessar do tráfego e do fluxo comercial fazem emergir outro mundo dentro daquele espaço. Coexistindo com aquele que se erige durante o dia, o universo noturno faz surgir grupos que desempenham distintos papéis nesse cenário. Diferentes do grupo que se falava anteriormente no modo de ser e no modo de ocupar aquele espaço. Diferentes no propósito.

À noite o Bar Liberdade também pode ser tomado por um oásis. Os que o freqüentam também procuram abastecer-se. Contudo, a matéria e a forma desse abastecimento são de outra ordem. Se antes ele constituía um lugar de passagem, ou um não-lugar, no período noturno cria-se raízes, fortalecem-se vínculos. Quando cai a noite a Liberdade se torna um lugar. Um oásis, não mais do abastecimento de matéria primária, comida e bebida, mas de matéria nobre, de cultura. Torna-se Cult freqüentar tal espaço. Mas é importante que antes de se seguir com essa análise se esclareça qual acepção do termo Cult está sendo tomada como base.

Existe uma consciência geral, ou senso comum, que atribui ao termo um ar aristocrático. Como se ele guardasse em si tudo que é elevado, como se ele fosse o principal responsável pelo arrebatamento, pela criação. Apesar de este sentido ser o que se toma mais comumente, faz-se necessário à análise começada que se utilize outra acepção do termo, definida por teóricos<sup>5</sup>, e que se presta a uma apreciação mais detalhada. Cult no sentido que se toma então denota um universo de aparências. Explica-se isso com o fato de que aqueles que mergulham nesse universo, embora queiram pensar que estão compartilhando de valores caros, elevados para a cultura enquanto espaço que se presta a fruição, estão de fato contribuindo para perpetuação de valores que já esgotaram sua função, corrompidos e utilizados com fins comerciais. Assim, não somente o Liberdade, mas outros espaços da cidade se disfarçam sob a fantasia do Cult. Fantasia que se espalha pelos corpos que povoam esses lugares. Consegue-se então com facilidade identificá-los, rotulá-los. Rótulos que se grudam em uma relação de dupla articulação, a exterioridade que lhes infringem depende da aquiescência dos que os recebem, e vice-versa.

#### 4 CONCLUSÕES

Constitui-se nas noites do Bar Liberdade um lugar que, mais uma vez, muitos acrescentam a sua vida e passam a freqüentar cotidianamente. Nestas noites, aquele ambiente deixa de ser só mais um espaço de trânsito, mais um não-lugar, para se tornar um lugar propriamente dito. Um espaço de encontro, no qual se erige um mundo que se desmancha a cada nascer do sol e volta a se erigir quando ele se põe. Um mundo que parece ir de encontro à vida, rejeitando a diferença. Um universo que prima por cultivar aquele modo específico de funcionamento, que se movimenta exclusivamente dentro daquele espaço, em uma relação contínua de dependência com aquele público. Espaço que em sua aparente espontaneidade esconde batalhas diárias travadas com o entorno em

---

mesmas condições do lugar antropológico: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem e relações se reconstituem nele.

<sup>5</sup> Umberto Eco trabalha com o conceito de *midcult* para definir "obras que parecem possuir todos os requisitos de uma cultura procrastinada, e que, pelo contrário, constitui uma paródia, uma depauperação da cultura, uma falsificação realizada com fins comerciais" (Eco, 1979, p.37). O autor trabalha ainda com o conceito de *masscult*, o qual denomina como uma cultura para as massas, enquanto o *midcult* pode ser entendido como uma cultura média, pequeno-burguesa.

busca de preservar rituais. Ele ilustra o ciclo que a vida oferece. A possibilidade, em cada despedida ou retorno das noites, de quebrar as regras que foram sendo desenhadas. Cada vez que o sol se põe naquele lugar se apresenta a oportunidade de fazer de outras formas o que as velhas rotinas insistem em conservar. Esses espaços apresentam-se como “máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como universos incorporais” (Guattari, 1992, p.148). São exemplos de espaços que com suas especificidades se põem em movimento junto aos que por eles transitam. Lugares e não-lugares. Dias e noites. Centro e periferia. As dicotomias se embaralham. Cada espaço traz em si a mistura de cheiros, possibilidades, devires. Mistura que não se desmancha dentro da aparência heterogênea trazida pelos envelhecidos hábitos.

Mas o que se passa? Porque esta persistência em eternizar determinados modos de ser? Talvez “no fundo haja sempre a nostalgia de uma época em que os valores da cultura eram um apanágio de classe e não estavam postos, indiscriminadamente, a disposição de todos” (Eco, 1979, p. 36). Talvez se torne excessivamente arriscado buscar a cultura por outro viés, criá-la, redefinindo seu conceito. Assim, a vida se produz, ou se reproduz. Percebe-se então que os lugares que se frequênta, mais do que serem constituídos pelo homem, também o constituem. Entretanto a maneira como colocar-se diante de tais espaços é fundamental nesse jogo. Colocar-se a espreita.

Deixar com que as possibilidades de mudança nessa relação emirjam. Dessa maneira talvez, a cultura, deixe de ser apenas o ato de cultivar para transformar-se em uma prática que favoreça uma renovação constante. A incorporação contínua de outras maneiras de existência, sendo assim não mais um estrato, algo solidificado e imóvel, mas algo que se constrói no fluxo que a própria vida impõe.

## 5 REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**; Tradução de Maria Lúcia Pereira- Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do século).

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

MAGALHÃES, M. O. Princesa do Sul, **Diário Popular**, Pelotas, 9 jul. 2006.